

## Para além da Pandemia: notas sobre Cidadania, Educação e Ensino de História no Brasil de Bolsonaro

*Sonia Regina Miranda\**  
*Felipe Dias de Oliveira Silva\*\**

Reseñas<sup>o</sup> 18

[pág. 183 - 205]

Recibido: 14/07/2020

Aceptado: 19/08/2020

ISSN-L N° 1668-8864

### Resumo

Discutiremos nesse artigo aspectos relativos aos impactos da pandemia de 2020 sobre a escola, sobre o cotidiano docente e sobre o ensino de História e Ciências Sociais. Nosso propósito é contribuir para as reflexões relativas às perspectivas do ensino no mundo pós-pandemia, levando em consideração, todavia, os desafios nacionais em suas singularidades. Em nosso caso, trazemos à consideração dos leitores e leitoras latino-americanos o cenário brasileiro.

**Palavras chave:** Ensino de História, trabalho docente, pandemia COVID-19.

### Resumen

En este artículo, discutiremos aspectos relacionados con los impactos de la pandemia de 2020 en la escuela, en el cotidiano de los profesores y en la enseñanza de Historia y Ciencias Sociales. Nuestro propósito es reflexionar sobre las perspectivas de enseñanza en el mundo pospandémico, teniendo en cuenta, sin embargo, los desafíos nacionales

---

\*PPGE UFJF Email: [sonia.miranda@ufjf.edu.br](mailto:sonia.miranda@ufjf.edu.br)

\*\*PPGE UFJF Email: [felipediastrabalho@gmail.com](mailto:felipediastrabalho@gmail.com)

en sus singularidades. Evocamos, para consideración de las lectoras y lectores latinoamericanos, el escenario brasileño.

**Palabras-clave:** enseñanza de la historia, trabajo docente, pandemia COVID-19.

### **Abstract**

In this article, we will discuss aspects related to the impacts of the 2020 pandemic on schools, everyday teaching routines and on the teaching of History and Social Sciences. Our purpose is to contribute to reflections on the perspectives of education in the post-pandemic world, taking into account, however, the national challenges in their singularities. In our case, we bring the Brazilian scenario to the attention of Latin American readers.

**Keywords:** History teaching, teaching work, COVID-19 pandemic.

## **1º. Ato: Cenas de um Brasil contaminado**

**Cena 1-** João Moreira Salles, roteirista e produtor de cinema brasileiro, em elucidativo artigo sobre os tempos de peste<sup>1</sup>, nos convida a pensar no tema da morte. Ele nos lembra que no início de julho de 2020, quando o Brasil chegou à marca de 5 mil mortos, o atual presidente da república foi se distrair num estande de tiro. Nada mais adequado como marketing de uma política ostensiva de liberação do porte e compra de armas no país. Neste mesmo contexto foi proferida a célebre frase “*E daí? lamento, quer que eu faça o que?*”. Foi essa a resposta a uma jornalista que lhe perguntou o que o mandatário da república tinha a dizer sobre aquelas 5 mil vidas perdidas. Quando as mortes dobraram e chegaram a 10 mil, o presidente visitou um churrasco de cidadãos no lago do Paranoá, se distraindo numa tarde ensolarada em seu jet-sky, assim como seguiu se divertindo em

---

<sup>1</sup>Salles, J. M. (2020 julho 29). A morte e a morte. Revista Piauí.

grandes manifestações de correligionários que não creem na letalidade do vírus, fazendo caminhadas pela cidade e até mesmo lanches nas barracas de rua. Na marca de 25 mil mortos, foi a vez de o presidente condecorar com uma honrosa distinção nacional o ex-ministro da Educação que, durante pouco mais de um ano, concentrou-se em destruir as bases da educação pública nacional e atacar violentamente as Universidades e a produção científica do país. No patamar de 40 mil mortos o presidente, em uma *live*, convocou seus apoiadores a invadir os hospitais e gravar os doentes e médicos, uma vez que, segundo ele, os números não eram verdadeiros e tudo não passava de armação da imprensa. Entre os 30 e 40 mil mortos, o primeiro Ministro da Saúde do governo foi demitido por estar trabalhando em acordo com as recomendações sanitárias internacionais. Mais um outro Ministro entrou e saiu no cargo com menos de 30 dias e o Ministério da Saúde segue, agora, acéfalo, sem um Ministro titular, sendo comandado por um militar sem formação para tal. Chegando à marca de 50 mil mortos, o presidente se envolveu diretamente na fuga do ex-ministro da Educação para os Estados Unidos e, ao invés de se concentrar em ações públicas para o combate à pandemia, ensejou um vigoroso leilão de cargos públicos para conter qualquer movimento em torno de seu impeachment. Por fim, ultrapassando a marca de 60 mil mortos, o presidente segue com dois ministérios acéfalos: Saúde e Educação. Vetou, nos últimos dias, a obrigatoriedade de uso de máscaras em espaços públicos e estabelecimentos comerciais. Em 07 de julho de 2020, na semana em que se atingiu a marca de 70 mil mortos, anunciou-se que o presidente testou positivo para COVID-19.

**Cena 2-** No início de julho, morre de COVID-19 o pastor evangélico que celebrava cultos num templo destinado a mais de 20 mil seguidores, desrespeitando normas sanitárias. Defensor do governo, advogou por diversas vezes que a solução passaria por grandes movimentos nacionais de orações em prol da proteção divina contra o vírus. O pastor defendia o combate da pandemia com cloroquina, medicamento que não possui eficácia comprovada e também apresenta evidências de graves efeitos colaterais, com alto grau de letalidade. Ao mesmo tempo, mais uma vez em viagem pelo país para participar de

eventos públicos marcados por grandes aglomerações e infração às normas sanitárias, Bolsonaro se manifesta favorável ao uso da cloroquina para tratamento da COVID-19. Dois milhões de comprimidos foram doados pelos EUA após o abandono naquele país do protocolo de uso da cloroquina. Estoques públicos encontram-se abarrotados de cloroquina, que é distribuída para população assintomática e, sobretudo, para a população indígena. A resposta presidencial aos críticos oriundos das fileiras da ciência nacional e internacional envolve dizer que a ciência é contra o uso da cloroquina por ideologia, porque quer se opor ao governo. No final da semana em que o Brasil ultrapassou a marca de 70 mil mortos pela COVID-19, o presidente da República - após um cuidadoso trabalho de ocupação do Conselho Nacional de Educação com evangélicos e representantes dos grupos privatistas da educação nacional - nomeou um Pastor Evangélico para dirigir o Ministério da Educação. Será a primeira vez que um membro do clero comandará o Ministério ao longo de toda a história republicana.

**Cena 3** – Com escolas fechando, sistemas de ensino estaduais procuravam manter o ano letivo pela implementação do ensino à distância. A forma autocrática de empreender o teletrabalho no estado de Minas Gerais é emblemática e revela a demagogia contida no discurso sobre o mesmo. A modalidade se consolidou através de três eixos: aulas pela TV no programa “Se liga na educação”; aplicativo *conexão escola* e planos de ensino tutorados (PETs). Com o programa televisivo, um aluno do 6º ano que participava de 150 minutos semanais de aulas de História passou a assistir 10 minutos na televisão; a drástica redução da carga horária e a tentativa de standardizar o trabalho educativo, ignorando as particularidades locais, provocou chacotas dos alunos e impediu o desenvolvimento do saber. O aplicativo “Conexão Escola” deveria permitir contato entre professores e alunos, envio de materiais e correção de atividades. Sem suporte para celulares baratos, ele é raramente frequentado pelos alunos. O *chat* só funcionou um mês após o início do teletrabalho. Paliativamente, a separação entre o trabalho e a vida privada dos docentes foi dinamitada no momento em que muitas escolas aderiram ao *WhatsApp* como

principal veículo de comunicação entre professores e alunos, intensificando e precarizando a jornada de trabalho. A primeira versão dos PETs de História apresentava erros historiográficos, propunha objetivos que não eram cumpridos, não oferecia mediações e tampouco exercitava o procedimento histórico na relação com os alunos. Ainda assim, encontrava-se em comum acordo com a assepsia de temas sensíveis na BNCC de História. O PET foi um sucesso... no estabelecimento de mecanismos de controle do trabalho educativo.

**Cena 4-** A imbricação entre o universo da vida privada e a esfera pública se tornou uma nova realidade para as famílias na pandemia. Mães ampliaram sua carga de trabalho para além daquilo que já era tido habitualmente como terceira jornada antes da COVID-19. As redes sociais amplificaram a rotina doméstica que se apropria de novos elementos reguladores como *lives* e programas televisivos. Agora, além do trabalho remoto em casa, há toda a rotina dos afazeres da casa, os cuidados de si e principalmente a gestão das atividades escolares dos filhos, que acabaram por cair sobre as famílias, sem que as mesmas reúnam condições em torno de um saber-fazer pedagógico. Pais e mães aumentaram em muito a fissura que envolve a manutenção do equilíbrio afetivo na casa, e brigas rotineiras redefiniram a cena de muitas casas. Sem o entre-lugar do tempo da escola, tudo agora é marcado pela intensidade da convivência e, com ela, surgem novos e densos conflitos. A ordem no interior da casa passou a ser, de repente, uma ordem exigida em torno do “tempo-espço” dedicado ao trabalho em casa e não é incomum a narrativa de que padrões demandam o silêncio das crianças durante a reunião de trabalho, havendo até mesmo demissões justificadas pela dedicação insuficiente ao trabalho, agora dividido com o lar. O deslocamento rotineiro até a escola durante a semana foi substituído por telas de computadores e mensagens de celular. A conexão humana atravessada pelos corpos, olhares e gestos foi sequestrada enquanto modo de experiência a ponto, por vezes, de produzir novas fobias. Nesse cenário, emblemática e viral foi a voz de uma criança do Rio Grande do Sul que desabafou: “professora, sem você eu não consigo aprender. Você tem as manias de professora e

sabe ensinar. Minha mãe não tem. Ela trabalha num restaurante e só tem a mania de fazer comida.”

**Cena 5** -O Exame Nacional do Ensino Médio é a principal porta de entrada para o ensino superior. Na pandemia, o ex-ministro da Educação insistia em não adiar a prova. Enquanto isso, cada vez mais alunos de baixa renda desistiam da avaliação e abandonavam cursinhos populares<sup>2</sup>. Entre os motivos: falta de computadores e acesso à internet, falta de um ambiente de estudos, falta de uma rede de apoio e instabilidade emocional, acirrando as desigualdades. Em regime de teleaulas precário e sem o suporte adequado, a evasão escolar alcança níveis assustadores. No estado do Piauí, apenas 9% dos alunos da rede conseguem assistir às aulas pela internet<sup>3</sup>; o cenário se repete pelo país. Na mesma medida em que os jovens pobres se desalentam, as crianças são postas à margem de um contato regular e procedimental com a escola, sendo privadas de incorporar as habilidades necessárias ao processo de ontogênese. À fragilidade dos regimes autocráticos de teletrabalho se une a fragilidade da pobreza, catalisada pela recusa do governo federal em auxiliar financeiramente os estados e estabelecer uma política sistemática de auxílio aos mais pobres. A palavra de ordem da cena dos jovens e crianças de escolas públicas é “falta”. Sobretudo, de perspectivas.

## **2º. Ato – Desafios intelectuais do Brasil entre o Golpe de 2016 e a pandemia da COVID 19**

As cinco cenas descritas acima buscam ilustrar o quadro sombrio e eivado de desafios em que nos situamos no Brasil no momento da

---

2Tenente, L. (2020, julho 07). Crise financeira, falta de internet, problemas emocionais: na pandemia, alunos de baixa renda desistem do Enem e abandonam cursinhos populares. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2020/noticia/2020/07/06/crise-financeira-falta-de-internet-problemas-emocionais-na-pandemia-alunos-de-baixa-renda-desistem-do-enem-e-abandonam-cursinhos-populares.ghtml>

3Oliveira, E. et al (2020, julho 06). 60% dos estados monitoram acesso ao ensino remoto: resultados mostram 'apagão' do ensino público na pandemia. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/06/60percent-dos-estados-monitoram-acesso-ao-ensino-remoto-resultados-mostram-apagao-do-ensino-publico-na-pandemia.ghtml>

escrita desse texto. Esse esclarecimento preliminar é importante, porque não podemos nos limitar somente ao tratamento dos efeitos sociais e culturais da pandemia, de modo a projetar o futuro desse contexto para a escola, o trabalho docente e o desenho das Ciências Sociais nos cenários nacionais. No Brasil, em particular, precisamos evocar também nossa conjuntura política que é, a um só tempo, singular e significativa para o restante da realidade latino-americana, que é historicamente assombrada pelos contextos reiterados de ameaças às suas democracias. A elaboração de nossas cenas iniciais ancorou-se na inspiração advinda dos escritos derivados das viagens que Walter Benjamin (2013) fez em vida e que, em crônicas, buscou desvelar sensações, estranhamentos, sensibilidades urbanas, estruturas sociais e históricas, comportamentos. Inspiramo-nos, ainda, na argentina Beatriz Sarlo, comentadora e intérprete da obra benjaminiana (Sarlo, 2006). Em suas Cenas da Vida Pós-Moderna, Sarlo coloca o leitor diante de uma Argentina fraturada e empobrecida, apresentada em atos no interior dos paradoxos da modernidade, nos quais qualquer espectador pode se colocar em lugares distintos do cenário e do enredo. Assim, nossa escrita se deu partindo do princípio de que, tal como no teatro, nossas cenas são imbricadas da opacidade inerente ao olhar de alguém que não está de fora, mas se situa em meio à cena e vê o drama narrativo em curso transcorrer ora como plateia, ora como ator.

No fluxo das cenas, seguimos em atos que nos colocam diante do tempo e do espaço de um Brasil na era Bolsonaro, em meio à pandemia da COVID-19. Poderíamos ter narrado um vasto número de cenas nesse hibridismo entre o real e a plausibilidade, na ficção em torno de personagens concretos. Seleccionamos, contudo, apenas algumas, buscando capturar circunstâncias que comunicam sobre nosso cenário contemporâneo naquilo em que o mesmo pode dialogar com a problemática da Educação e da ação docente. Isso significa apontar a dimensão lacunar de nossa condição de análise de um contexto nacional que, para discutir o cenário da pandemia, nos parece ser necessário descrever. Em nosso caso, envoltos como sujeitos espectadores de um Brasil igualmente fraturado, trazemos cenas reais derivadas de casos singulares ou de sínteses de experiências

compartilhadas coletivamente por nossa população, que evidenciam a cisão social vivenciada por um país cujo governo aposta no desmonte das engrenagens do Estado. Nesse desmonte situam-se: o que ainda existe em termos de proteção social a partir das políticas públicas; a liberalização econômica radical no cenário de novos desenhos na divisão internacional do trabalho, ao lado do aprofundamento da privatização do que ainda resta em termos de serviços públicos essenciais; a desregulamentação da legislação ambiental de modo a garantir a destruição das reservas ambientais e a devastação das terras indígenas; a adesão integral a uma política armamentista para a população em geral e, em especial, para os grupos paramilitares.

Nas cenas selecionadas no primeiro ato, há manifestos de riscos à democracia em virtude da gestação, já há alguns anos, de um panorama cultural e social de cunho fascista crescentemente plasmado no tecido social. De um lado, assistimos à associação entre um país assolado pelo anti-intelectualismo radical e recusa à ciência, agora gerida sob o avanço de uma pauta ideológica baseada no irracionalismo e no anticientificismo. Assentados no crescimento da força da população evangélica ao longo das duas últimas décadas, que se organizou como força motriz central de um vigoroso antipetismo, atores nacionais e internacionais, garantiram o êxito ao golpe jurídico-parlamentar e midiático que, ao depor Dilma Roussef, abriu espaço para a chegada de Bolsonaro e sua base militar ao poder pelas eleições. Um cenário pré-pandêmico ameaçador. De outro lado, nossas cenas nos convidam a pensar “nos efeitos da travessia voltada a fazer a “sala de aula” acontecer em outros espaços e tempos como algo singular para os que se dedicam a compreender a instituição escola” (Oliveira, 2020). Em obra publicada no calor das elaborações na pandemia, Sandra Regina Ferreira de Oliveira nos adverte para o fato de que “em poucos dias, o que conhecíamos por sala de aula se alterou e estamos a pensar e a fazer escola a partir de outros contornos, para os quais temos inúmeros questionamentos”.

O imaginário atual da palavra “crise” atravessa a imagem de um mundo imerso na pandemia da COVID-19. Diante do isolamento

social, as pilhas de informações transmitidas incessantemente pelos mais diversos veículos reproduzem a devastação causada pela doença em cada nação – e seus efeitos dramáticos no Brasil. O vírus, fruto da natureza, se amalgamou na vida social de tal modo que os horizontes futuros de uma “nova normalidade” não se traçam sem levar em conta a pandemia.

Ao aportar no Brasil em janeiro,<sup>4</sup>a COVID-19 se choca com uma nação esfacelada pela agenda do poder executivo nacional e seu séquito de apoiadores na sociedade civil. A infame posição do país em números de casos e de mortes<sup>5</sup> - a despeito da subnotificação<sup>6</sup> - e sua preponderante contribuição em alçar a América Latina como epicentro do vírus<sup>7</sup> não é produto do acaso ou de uma ordem natural. Intensificando-se a cada dia no Brasil, a doença se afastou das barreiras naturais responsáveis por lhe gerar para encontrar, na fronteira e nos corpos, respostas sociais e decisões guiadas pela forma particular de atuação da política nacional e de suas reverberações na reprodução social da vida. A crise política e das instituições erigidas durante o período de redemocratização no Brasil encontrou a crise pandêmica mundial. Concerne, portanto, situar as expressões das determinações gerais mais preponderantes deste contexto singular.

Diante dos fatos fica evidente a inserção do Brasil em um período de reorganização da geopolítica de maneira lenta, descontínua e combinada, demonstrado pelo surgimento de uma quarta onda de

---

<sup>4</sup>Souza, A. et al (2020, Abril 02). Ministério da saúde descobre que coronavirus chegou ao brasil em janeiro. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ministerio-da-saude-descobre-que-coronavirus-chegou-ao-brasil-em-janeiro-1-24347029>.

<sup>5</sup>Lima, B. (2020, Maio 26). Brasil assume a liderança do ranking de mortes diárias por covid-19. Correio Braziliense COVID. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/26/interna-brasil,858246/brasil-assume-a-lideranca-do-ranking-de-mortes-diarias-por-COVID-19.shtml>.

<sup>6</sup>Martins, R. M. et al (2020, Março 31). Entrevista: ‘o número de infectados por Coronavírus pode ser muito maior que 11 casos para cada confirmado’ diz sanitaria. First Look Midia.

<sup>7</sup>Pinto. A. E. S. (2020, Maio 22). América Latina é o epicentro da pandemia, e Brasil é o país mais preocupante, diz OMS. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/05/america-latina-e-o-epicentro-da-pandemia-e-brasil-e-pais-mais-preocupante-diz-oms.shtml>.

revoluções coloridas e golpes (Costa, 2019). Elemento estrutural da colocação anterior é a degradação do ciclo de acumulação capitalista desde finais da década de 1960 ao início da crise dos *Subprimes* em 2008 (Carcanholo, 2009), reflexo da insuficiência do modelo industrial toyotista, da sempre crescente financeirização da economia e da queda tendencial da taxa de lucro. Isso significa, em última análise, um forte processo de empobrecimento da população acompanhado de uma retração das medidas protetivas e desamparo da população mais desfavorecida que, durante a pandemia, vivencia cenários dramáticos em busca da sobrevivência. O retorno do Brasil ao mapa da fome mundial é um sinal desse processo<sup>8</sup>.

O brasileiro começa a experimentar os efeitos desta reorganização com o arrefecimento do crescimento do PIB a partir de 2012, cravando o princípio do fim de um ciclo de políticas econômicas progressistas, até então na agenda dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) (Braz, 2017). Nas ruas, a aversão à agenda progressista germina em junho de 2013, a partir da insatisfação de estratos da sociedade civil com os serviços públicos, o sistema político e sua práxis (Souza, 2016), desacreditando as instituições fundadas no processo de redemocratização do país após a ditadura civil-militar (1964-1985).

A pesar de Dilma (PT) vencer as eleições com 51,64% dos votos válidos em uma disputa acirrada contra seu opositor<sup>9</sup> em 2014, o projeto anterior do partido já havia esfarelado, como evidencia a nomeação do neoliberal Joaquim Levy para o ministério da fazenda<sup>10</sup>. Ainda assim, os moderníssimos artefatos de barbárie promotores de

---

<sup>8</sup>Revista Exame (12/05/2020). Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-diretor-da-onu/>

<sup>9</sup>Passarinho, N. & Calgaro, F. (2014, Outubro 26). Dilma se diz 'disposta ao diálogo' e afirma que país não está dividido. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-se-diz-disposta-ao-dialogo-e-afirma-que-pais-nao-esta-dividido.html>.

<sup>10</sup>AFP. (2014, Dezembro 10). Dilma Rousseff nomeia economista ortodoxo Joaquim Levy para a Fazenda. Economia Uol. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2014/11/27/dilma-rousseff-nomeia-economista-ortodoxo-joaquim-levy-para-a-fazenda.htm>

golpes inseridos no escopo da guerra híbrida global, como o amplo uso das redes sociais para a disseminação ininterrupta, ostensiva e demasiada de informações falsas e conspirações desconectadas da realidade - embora com uma estrutura lógica interna plausível, conquistaram o direcionamento político decisivo da janela histórica irrompida nas jornadas de junho de 2013.

A partir de 2014, a recessão toma conta do país, com aumento do desemprego e queda do PIB. O recém-formado governo é incapaz de reger as pautas nacionais em virtude de um movimento intencional encabeçado pela oposição<sup>11</sup>. A grande mídia associa escândalos de corrupção unilateralmente ao PT, apoiada tacitamente pelo poder judiciário com suas conduções coercitivas e quebras de sigilo em ligações telefônicas presidenciais<sup>12</sup>. Concomitantemente, frações do empresariado ressentidas e ávidas por assegurar suas taxas de lucro e políticos de oposição vorazes pelo poder aproveitam-se das fragilidades nacionais impostas pelo contexto e das ferramentas elencadas no parágrafo anterior para disseminar o caos e depor o governo.

As determinações supracitadas encontram solo fértil e germinam de forma heterogênea em setores empobrecidos de classe média, desalentados, informais e empreendedores compulsórios. Frente à dilapidação de suas condições materiais, encontram como solução para todos os seus problemas falsários munidos de ferramentas de propagação em massa de suas ideias. Estas são responsáveis por apresentar um mundo invertido capaz de velar as contradições internas da forma de sociedade existente, ao mesmo tempo em que denunciam culpados e apresentam soluções aos problemas socialmente vivos.

---

<sup>11</sup>Venceslau, P. (2018, Setembro 13). Tasso Jereissati: 'Nosso grande erro foi ter entrado no governo Temer'. O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nosso-grande-erro-foi-ter-entrado-no-governo-temer,70002500097>.

<sup>12</sup>Castro, F. et al (2016, Março 16). Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça. G1 Paraná. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>.

O antipetismo ocupanovamente as ruas em 2015 ainda mais radicalizado, atribuindo a uma esquerda abstrata todos os males do sistema político no país, rejeitando a política partidária - na mesma medida em que se agarra a políticos *outsiders* - e as instituições democrático-liberais pós-redemocratização, ao mesmo tempo em que se apega ao mercado e aos princípios do neoliberalismo.

Assumindo como universais seus interesses particulares de classe e assim os apresentando à sociedade juntamente com seu mundo invertido, o empresariado insatisfeito e os políticos *outsiders* - encontrando-se aqui em papel primordial o clã Bolsonaro - dirigem novamente movimentos de massas nas ruas em 2015 e logram em 2016 um golpe no governo estabelecido, colocando em seu lugar um presidente disposto a levar às últimas consequências as exigências do mercado.

Apoiado pelas formas mais complexas de propaganda ideológica - as ferramentas da guerra híbrida global - e pelos valores materializados no fundamentalismo neopentecostal e de católicos reacionários, um conservador de tipo reacionário chega ao poder democraticamente nas eleições presidenciais de 2018, concatenando em si todos os coros de descontentes. É conservador pelo medo de perder privilégios; não encontra o problema de suas mazelas na forma de sociedade historicamente constituída, mas no negro e em sua cultura, na liberdade sexual da mulher, na existência e formas de expressão da população LGBTQIA+. A pauta moral se coloca na ordem do dia e assume a condução do discurso político pré-eleitoral. É reacionário pois estranha no outro o reflexo de si; apega-se a símbolos nacionais que não dão conta de expressar as múltiplas identidades há tempos suprimidas, condenados ao esquecimento pelo esfacelamento da memória através da “mundialização, da democratização, da massificação, da mediatização” (Nora, 1993) que esfacela também as instituições que antes asseguravam a conservação de valores, como a família, o Estado, a escola e a igreja (Nora, 1993), buscando refúgio em um passado idílico. É o novo reiterando aquilo que há de mais velho e sórdido nos porões da história.

Seguimos há quatro anos fora dos governos petistas. No esteio de Bolsonaro e dos bons costumes, a estagnação da economia, assim como o desemprego, se mantiveram, a informalidade cresceu travestida de empreendedorismo, o desmatamento aumentou vertiginosamente, a violência e as milícias atuam impunemente, os escândalos de corrupção não desapareceram, professores são sistematicamente desqualificados e tratados com violência. Um mundo invertido se torna cada vez mais mediado por finalidades de dirigentes que agora negam completamente o real. A pandemia, alega-se, seria uma invenção comunista. De quem é a culpa de tudo? Continua sendo do PT. Qualquer pesquisa em sentido contrário é taxada de ideologia.

### **3º. Ato – Uma Educação vigiada**

O cenário da pandemia trouxe à cena pedagógica os mecanismos de controle do trabalho docente propiciados pela regulação tecnológica e passou a permitir a emergência um cenário próximo daquilo que nos foi descrito na literatura ficcional por George Orwell em torno da figura do Big Brother. O professor na pandemia é um professor potencialmente vigiado. Esse cenário novo, todavia, potencializou algo que se situava no horizonte político estabelecido no Brasil desde os últimos anos, quando se aprofundou o impacto social do movimento Escola Sem Partido.

Criado em 2004, o movimento Escola sem Partido (ESP) alega que surgiu como uma iniciativa de pais e alunos preocupados com a contaminação político-ideológica da educação<sup>13</sup>. A indignação de Miguel Nagib, fundador do movimento, teria se iniciado quando sua filha contou que o professor de História havia comparado Che Guevara a São Francisco de Assis<sup>14</sup>. Enfurecido, procurou a direção da escola e outros pais para tratar do problema, mas não obteve apoio. Então pensou que toda a educação no país estaria contaminada

---

<sup>13</sup>Escola sem Partido. Quem Somos. Disponível em: <http://escolasempartido.org/quem-somos>.

<sup>14</sup>(2016, Junho 25). O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis. El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550\\_367696.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html).

ideologicamente pelo marxismo, e este se constituiria também como finalidade da mesma.

A narrativa oficial do ESP seleciona os atributos por eles delineados como reprováveis no ensino e se mostra como um movimento amplo e espontâneo. Todavia, a pesquisa de Penna e Salles (2017) demonstra que a criação do movimento foi meticulosamente gestada no ventre do extinto Instituto Liberal de Brasília. No seio do ILB se desvelam as motivações políticas e interesses reais do movimento. Lá, encontrava solo fecundo Olavo de Carvalho, propagador de teorias conspiratórias requentadas como o “marxismo cultural” e o “globalismo”. Olavo, posteriormente, alcançou visibilidade na *internet* e se tornou o guru ideológico de Bolsonaro.

No mito fundador do ESP e em suas raízes subterrâneas encontram-se os elementos preponderantes em seus discursos até a contemporaneidade, a saber: a deslegitimação do trabalho educativo e da escola como espaço formativo, o anticientificismo, o anticomunismo infundado na conjuntura do país, a associação do movimento a pautas morais conservadoras e a seleção do ensino de História como principal inimigo, tudo envolto em um véu de suposta neutralidade.

Motivado politicamente, o *site* do movimento se tornaria o parlatório virtual que propaga suas prescrições para a educação nacional. Além de enumerar com suas cartilhas traços desejáveis e indesejáveis de atuação docente na sala de aula, professores enquadrados supostamente como doutrinadores poderiam ter seus perfis e dados divulgados de maneira vexatória, expostos aos justiceiros da *internet*, ao risco econômico e ao dano moral. Quem seriam os doutrinadores para o movimento? No ensino de História, justamente aqueles que utilizam de procedimentos e técnicas consolidadas na comunidade acadêmica para mobilizar os saberes históricos na sala de aula como, por exemplo, a comparação, a relação entre presente e passado e o uso de fontes em sala de aula.

De início incipiente, o movimento acumulou forças surfando na crista da onda de um conservadorismo crescente no país, alcançando cada

vez mais notoriedade e impacto nas redes sociais. A partir de 2014, o ESP passa a adotar uma postura mais agressiva e incorporar às suas práticas a elaboração de anteprojetos de lei “sem partido,” no intuito de institucionalizar suas proposições deseducadoras para a educação nacional em suas diferentes instancias. Alegando buscar “inibir a prática da doutrinação política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação moral dos seus filhos,”<sup>15</sup> mas na realidade imputando ao professor a atitude de um criminoso, a família Bolsonaro foi responsável por enviar o primeiro projeto de lei desta estirpe no Brasil, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

A partir de então e sempre unidos, o ESP se torna um guarda-chuvas das ideias reacionárias no Brasil, contribuindo significativamente para as mudanças na conjuntura nacional elencadas no ato anterior e no apoio político a candidatos de extrema-direita, signatários de um documento afirmando que, caso eleitos, se comprometeriam em submeter e apoiar em suas instancias os projetos “sem partido” às câmaras. Com o rearranjo da composição política no país - após as eleições e a institucionalização do conservadorismo de tipo reacionário com Bolsonaro no governo federal - o movimento Escola sem Partido, a partir dos ministros da Educação, toma forma de política pública antes de se tornar lei.

Com a pandemia, a ausência de um ministro da Educação e a elaboração autocrática de um regime de teletrabalho nas escolas, o movimento Escola sem Partido torna a afetar ainda mais drasticamente o cotidiano do trabalho educativo dos professores. Na pandemia, o ESP radicaliza a submissão do professor a contingências que lhes retiram características fundamentais para a realização do trabalho educativo, como a partilha e reflexão coletiva das experiências na sala de aula, a autonomia didática e pedagógica e a transformação da experiência em instrumento que mobiliza novas formas de abordar os saberes na

---

<sup>15</sup>Escola sem Partido. FAQ - O que é o Programa Escola sem Partido? Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/faq>.

escola. O movimento submete ainda mais os professores em vínculos empregatícios precários ao risco econômico pois, caso o docente seja flagrado ou gravado em suas teleaulas ministrando sua disciplina mediante procedimentos reprovados pelo ESP, pode ser exposto publicamente e perder seu emprego na escola privada. Ele subjuga ainda mais os professores ao risco moral pois, diante da possibilidade de vexação e humilhação pública promovida sistematicamente pelo ESP, agora ainda mais acirrada diante do uso do *WhatsApp* como ferramenta de comunicação com os alunos e das aulas gravadas e disponibilizadas, sente-se contra a parede ao buscar realizar procedimentos fundamentais para a consolidação dos saberes na sala de aula. Submete os professores ao risco pedagógico ainda maior de não executar sua função social como docente e se tornar refém dos materiais estandardizados de teletrabalho que carecem de mediações didáticas, do tratamento de questões socialmente vivas e de elementos que permitam a ministração de um saber procedimental; caso os professores se desviem, eles podem incorrer no suposto crime da suposta doutrinação, radicalizando os instrumentos de controle do trabalho docente. O Escola sem Partido é, acima de tudo, antipedagógico, negando também aos estudantes um processo de ensino-aprendizagem capaz de descortinar mundos.

#### **4º. Ato – Nunca o professor foi tão necessário**

Os cenários apresentados nos convocam para seguir pensando sobre a urgência do trabalho docente que se recoloca no Brasil e no mundo pós-pandemia. De um lado, a circunstância estrutural de ausência da escola presencialmente na vida cotidiana em virtude das práticas de quarentena deflagrou, para a sociedade, a necessidade primordial dessa instituição e do trabalho educativo no cotidiano das pessoas. São inúmeras as narrativas - em que pese a ação contrária sistemática de governos e instituições, que insistem em retirar direitos e buscar medidas de desvalorização do professor – que evidenciam o quanto, para os sujeitos, crianças e jovens, importa valorizar a escola como instituição de encontro, partilha, acesso ao mundo letrado e à ciência, à cultura, às artes, às medidas de socialização e de contra-socialização.

De outro lado, a especificidade do conhecimento histórico escolar situado na interface entre a Memória e a História tem se projetado como um campo essencial ao pensamento em contextos nos quais os direitos humanos se situam sob forte ataque. Para muito além do conteudismo subjacente a um tempo morto e descontextualizado de base eurocêntrica, a História é uma disciplina que, ao evocar procedimentos de leitura e problematização das temporalidades humanas, permite deslocar do lugar de verdade as intolerâncias e os fascismos emergentes no tempo contemporâneo. Marc Bloch, em sua monumental apologia ao trabalho histórico, já nos advertianos anos 20 que o fundamental no trabalho histórico é capacidade de se apurar aquilo que vamos dizer, por meio da rigorosa inquirição das fontes e sua autoria (Bloch, 1997). Ao fazê-lo, é a História que confere visibilidade e consistência aos temas socialmente vivos e sensíveis e, por isso, consegue enfrentar e mobilizar reflexões em torno da sociedade a partir de seus principais dramas não pacificados. Sobre esse tema, Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner (2018) evocam a categoria de “passados vivos” como sendo uma maneira de produzir um “movimento de aprendizagem ética que implica uma relação consigo mesmo” (Pereira & Seffner, 2018). Deste modo, destacam os autores que o “caráter ético do ensino de história está justamente no processo de construção de si mesmo como sujeito de um olhar, como subjetividade marcada por se permitir realizar uma determinada interpretação do passado e, ao mesmo tempo, do seu lugar no presente. Estudar os passados sensíveis não significa apresentar ao aluno um conteúdo disciplinado e frio, mas colocá-lo diante de algo que desperta indignação frente à injustiça e a violação dos direitos humanos” (Pereira & Seffner, 2018, p. 17).

Pensar nessa direção implica em pensar a centralidade do trabalho do professor. Pode-se substituir o professor quando falamos do acesso à informação fria e descontextualizada da reflexão. Contudo, é impossível substituir o professor e sua mediação quando evocamos o desenvolvimento nos estudantes da condição de pensamento crítico e capaz de operar deslocamentos temporais e sínteses acerca das razões pelas quais o mundo é como é e seus porquês.

No caso da cena brasileira contemporânea, o fortalecimento dessa condição de valorização do trabalho docente pelo que o mesmo pode produzir passa pelas ações de combate aos fundamentalismos de toda ordem, especialmente o religioso, e pela re-valorização do procedimento da ciência.

Estes fundamentalismos, ao desdobrarem-se no curso da vida cotidiana, constroem imagens do mundo que produzem sentido às nossas experiências e orientam nossas ações. São reflexo da cultura em um tempo histórico. Não são imutáveis, mas se alteram constantemente através das formas pelas quais o ser humano se produz e se realiza. Frequentemente se contradizem, possuem em suas raízes influências resultantes tanto do pensamento científico interpenetrado pela religião quanto pelo pensamento religioso. No interior destas contradições, existem disputas ou compromissos entre uma e outra área que produz estas imagens. Compromissos estes que são descortinados mediante a atuação do trabalhador docente.

Na história humana, constantemente o pensamento religioso foi a principal força produtora de sentidos e experiências. A correlação começa a se alterar, gradualmente e de forma desigual, a partir da derrubada do geocentrismo que coloca em xeque as narrativas religiosas responsáveis por situar o homem no centro do universo e na medida de todas as coisas. Na época, Cardeal Belarmino, que participou do processo inquisitório de Galileu, para conservar o núcleo central da experiência religiosa, propõe a teoria da dupla verdade: uma verdade apresentada teologicamente pode não ser uma verdade científico-filosófica e vice versa; aliança que mantém a compatibilidade entre imagens do mundo produzidas pela religião e pela ciência

Ainda que a ciência e a técnica tenham se desenvolvido de forma vertiginosa deste então, o modo de vida burguês e a forma da sociedade se apropriar dos avanços científicos não foi capaz de completar uma imagem do mundo fundamentada nas ciências e na filosofia. Pelo contrário. A partir do momento em que a burguesia percebe que as armas apontadas contra os reis poderiam ser apontadas

a ela pelos proletários – por razões muito semelhantes - o desenvolvimento da ciência abandona a busca por entender o que é próprio ao ser social, abrindo um grande abismo que em muitas vezes é ocupado pelo pensamento religioso. Este processo dá origem tanto ao neopositivismo, que reduz a pesquisa à possibilidade de manipular consequências imediatas dos objetos, quanto ao irracionalismo, que nega os fatos e a realidade quando aparece alguma questão sobre o ser.

Passaram-se mais de 50 anos desde que Lukács (2018) alegou que se não se havia restaurado a imagem do mundo pré-Copérnico até então, isso se devia ao desenvolvimento das necessidades religiosas que não aspiravam a isso. Progredimos. Progredimos em acirrar as crises e contradições presentes na sociedade e, com isso, surgiram inclusive tentativas de restaurar por completo a imagem geocêntrica do mundo. Convivemos nos nossos dias com defensores da terra plana que atacam e negam de maneira violenta o trabalho de cientistas e professores. Há a negação completa do senso da realidade. A mesma negação exemplificada pelos terraplanistas ocorre também no campo das humanidades. Negacionismo de fatos históricos e revisões fundamentadas em fontes desconectadas de seu contexto; associação de cientistas e professores à criminalidade; ridicularização da comunidade acadêmica; negação de que há produção científica em ciências humanas; negação de um mundo que existe por si mesmo e redução da realidade a opiniões incapazes de abarcar a complexidade da realidade. Todos estes posicionamentos são, frequentemente, acompanhados por um discurso de ódio e violência. No Brasil pandêmico há uma imagem de mundo amplamente difundida no senso comum e atualmente hegemônica que, levada às últimas consequências, excluiria por completo, de todos os currículos, as humanidades em sua forma histórica vigente. Bolsonaro e seus asseclas compartilham dela.

Por isso, o trabalho do professor de História nunca foi tão urgente e atual. A partir dos métodos e procedimentos utilizados na mobilização dos saberes históricos em sala de aula, professores descortinam caminhos, abrem janelas para o mundo, expandem as possibilidades de

ação dos alunos. Exercitam a crítica e a suspeita através da arte de fazer as perguntas certas nos momentos certos, dinamitam o negacionismo, transformam opinião em interpretação mediada pela investigação. Produzir o saber histórico e todas as suas consequências para a vida social é serviço essencial para livrar o Brasil de milhares de vidas ceifadas pelo negacionismo. Como nunca, a escola e sua função de gerar uma humanidade apta a intervir no mundo conscientemente é o espaço em que se define que tipo de mundo queremos construir ou destruir. Afinal, as cenas do Brasil contemporâneo em nosso primeiro ato servem para advertir à toda a América Latina de que a tarefa de construção democrática é permanente.

## **Bibliografia**

AFP. (2014, Dezembro 10). *Dilma Rousseff nomeia economista ortodoxo Joaquim Levy para a Fazenda*. Economia Uol. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2014/11/27/dilma-rousseff-nomeia-economista-ortodoxo-joaquim-levy-para-a-fazenda.htm>.

Benjamin, W. (2013). *Imagens do Pensamento – sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte, Belo Horizonte.

Bloch, M. (1997). *Introdução à História. (Edição revista e comentada por Etienne Bloch)* Europa-América: Lisboa.

Braz, M. (2017). O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. *Serv Soc. Soc:* São Paulo. p. 85-103.

Carcanholo, R. (2009). *A atual crise do capitalismo*. Crítica Marxista: Campinas.

Castro, F. et al (2016, Março 16). *Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça*. G1 Paraná. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>.

Sonia R. Miranda y Felipe Dias de Oliveira Silva. *Para além da Pandemia: notas sobre Cidadania, Educação e Ensino de História no Brasil de Bolsonaro.*

Costa, S. K. (2019). Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes. *Conjuntura Austral: Rio Grande do Sul.*

Salles. J. M. (2020 julho 29). A morte e a morte. *Revista Piauí.* Disponível em: [https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-nogovernobolsonaro/?amp&\\_\\_twitter\\_impression=true](https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-nogovernobolsonaro/?amp&__twitter_impression=true).

Oliveira, E. et al (2020, julho 06). *60% dos estados monitoram acesso ao ensino remoto: resultados mostram 'apagão' do ensino público na pandemia.* G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/06/60percent-dos-estados-monitoram-acesso-ao-ensino-remoto-resultados-mostram-apagao-do-ensino-publico-na-pandemia.ghtml>.

Sarlo, B. (2006). *Cenas da vida pós-moderna.* 4. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Oliveira, S. R. F. (org.) (2020). *Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa.* Londrina, Paraná.

Lima, B. (2020, Maio 26). *Brasil assume a liderança do ranking de mortes diárias por COVID-19.* Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/26/in-terna-brasil,858246/brasil-assume-a-lideranca-do-ranking-de-mortes-diarias-por-COVID-19.shtml>

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 10.*

Martins, R. M. et al (2020, Março 31). Entrevista: 'o número de infectados por Coronavírus pode ser muito maior que 11 casos para cada confirmado' diz sanitarista. First Look Midia.

Mészáros, I. (2020). *A crise estrutural do capital.* Boitempo Editorial.

Souza, A. et al (2020, Abril 02). *Ministério da saúde descobre que coronavirus chegou ao Brasil em janeiro.* O Globo. Disponível em:

Sonia R. Miranda y Felipe Dias de Oliveira Silva. *Para além da Pandemia: notas sobre Cidadania, Educação e Ensino de História no Brasil de Bolsonaro.*

<https://oglobo.globo.com/sociedade/ministerio-da-saude-descobre-que-coronavirus-chegou-ao-brasil-em-janeiro-1-24347029>.

Passarinho, N. & Calgaro, F. (2014, Outubro 26). *Dilma se diz 'disposta ao diálogo' e afirma que país não está dividido*. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-se-diz-disposta-ao-dialogo-e-afirma-que-pais-nao-esta-dividido.html>.

Penna, F., & Salles, D. (2017). A dupla certidão de nascimento do Escola Sem Partido: analisando as referências intelectuais de uma retórica reacionária. *Arquivos, documentos e ensino de História: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE.

Pereira, N. M., & Seffner, F. (2018). Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. *Revista História Hoje*, 7(13), 14-33.

Pinto, A. E. S. (2020, Maio 22). *América Latina é o epicentro da pandemia, e Brasil é o país mais preocupante, diz OMS*. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/america-latina-e-o-epicentro-da-pandemia-e-brasil-e-pais-mais-preocupante-diz-oms.shtml>.

Rago Filho, A. (2010). A teoria da Via Colonial de objetivação do capital no Brasil. *Verinotio—Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, (11), 16-16.

Resende, T. & Carvalho, D. (2019, Novembro 03). *'Enem não é para polemizar', diz ministro sobre falta de questões sobre ditadura*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/11/enem-nao-e-para-polemizar-diz-ministro-sobre-falta-de-questoes-sobre-ditadura.shtml>.

**Sonia R. Miranda y Felipe Dias de Oliveira Silva.** *Para além da Pandemia: notas sobre Cidadania, Educação e Ensino de História no Brasil de Bolsonaro.*

Tenente, L. (2020, julho 07). *Crise financeira, falta de internet, problemas emocionais: na pandemia, alunos de baixa renda desistem do Enem e abandonam cursinhos populares.* G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2020/noticia/2020/07/06/crise-financeira-falta-de-internet-problemas-emocionais-na-pandemia-alunos-de-baixa-renda-desistem-do-enem-e-abandonam-cursinhos-populares.ghtml>.

Souza, C. A. (2016). Antipetismo e ciclos de protestos no Brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015. *EM DEBATE*: Belo Horizonte.

Venceslau, P. (2018, Setembro 13). *Tasso Jereissati: 'Nosso grande erro foi ter entrado no governo Temer'*. O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nosso-grande-erro-foi-ter-entrado-no-governo-temer,70002500097>.